

A disciplina de história como fonte para se trabalhar a dança nos anos iniciais do SCMB

*Sebastião Barros Lima**

*Roni Ribeiro Baldanza ***

*Ater Alves de Mattos****

Introdução

Existe uma carência bibliográfica acerca da utilização e da apropriação da dança como fonte histórica. Desse modo, predomina um empirismo acerca dos conhecimentos sobre a dança. Isso pode ser superado a partir das propostas da Escola dos *Analles* (historiografia nascida na França, no início do século XX), fundamental para universo de análise, capaz de aceitar outros tipos de fontes que não só os documentos oficiais (chamados de empíricos).

Com isso, entendemos que a dança, tal como qualquer outra forma de disciplina ou arte, não está descolada da configuração de valores e ideias do/sobre seu tempo. No entanto, nem sempre fora assim, pois, por muito, permaneceu nos porões da história, sendo inquirida mais por quem pretendeu estudar a história da dança do que por historiadores interessados em perceber a dança como fonte de análise das diversas esferas da sociedade.

Um olhar minucioso revela, no entanto, que a dança não só pode ser objeto de pesquisa, mas fonte riquíssima de investigação de comportamentos, de padrões estéticos sociais, de relações de poder e de outra infinidade de aspectos que interessam à história.

Se o objeto de estudo da história enquanto disciplina é, no fim, o homem e suas ações ao longo do tempo, então se tem na dança uma privilegiada fonte de informações históricas. Mesmo quando se configura (ou não) como lugar de denúncia ou resistência, sua concepção se dá a partir das ferramentas culturais, ideológicas, filosóficas, propiciadas pelo momento histórico ao qual pertence.

Paralelamente vivendo em tempos de transição em que coexistem ideias distintas no que tange à aquisição do conhecimento. Ideias essas, sob uma perspectiva hegemônica, dominante, que determinam o conhecimento das coisas a partir de um absolutismo de pseudodescobertas, ou seja, única ideia de verdade universal prepondera.

*2º Ten R/1 COM (EsSA/1991, EsCom 2021). Mestrado em ciência da saúde, pós-graduação em pedagogia. Atualmente é professor de dança no CMRJ.

**2º Ten CAV (EsSA/1996, CAS/2007). Graduado em história pela UFRJ, 2011. Atualmente é professor de história no CMRJ.

***2º Sgt R/1 MUS (CFS 2001, EsIE 2022). Pós-Graduação em língua portuguesa. Atualmente é professor de língua portuguesa no CMRJ.

A disciplina de história e dança nos traz outras ideias que tratam o conhecimento sob uma perspectiva diferenciada, no que tange à dança, quebrando a ideia do absolutismo e de um conhecimento ideal e único que pudesse ser controlado e profetizado de forma dominante.

Na verdade, ao ampliarmos os conhecimentos sobre 'dançar' enquanto disciplina, contamos e representamos um processo expressivo de evolução e transformação histórico-cultural corporal do movimento enquanto fenômeno artístico.

A história um dia contada sobre dança (na forma de pintura e desenhos) se reflete aos nossos dias crescendo enquanto arte em particular. Atualmente, ganhou mais impulso, pela maior visibilidade e importância atribuída às expressões étnicas, que envolvem as culturas indígenas, e às manifestações regionais e folclóricas, sobretudo pelas ciências humanas e artes narradas ou transcritas pela nossa história; que afloraram e permanecem aflorando na contemporaneidade, dada as dimensões sociais e econômicas em que estão historicamente inseridas.

Essa uma imensa variedade de "danças" emergentes, vista como uma evolução dos estilos e técnicas já existentes, desestabilizando seus princípios essenciais, quebrando suas tradicionalidades e, consequentemente, construindo uma nova história dando a ela novos contextos, significados e sentidos para suas existências, reafirmando a dança como um fenômeno que ultrapassa o simplório ato de movimentar-se sob o ritmo de uma música.

Aponta-se aqui, a importância para o professor de dança entender/pensar historicamente sobre os paradigmas que regem o mundo hoje, pois as imagens usadas para pensar/conhecer o corpo

estão, também, inter-relacionadas com a concepção de mundo e evolução dos povos, implicando o como fazer pedagógico, com o momento histórico, econômico e ideológico.

Contexto histórico

O homem primitivo pintava nas paredes das grutas, cavernas e galerias subterrâneas cenas de caça e rituais que representavam basicamente feitos e vitórias. Tal qual o desenvolvimento da civilização, a dança nasceu associada às práticas do homem, que o fazia pela sobrevivência, segundo elementos históricos e a própria história. Dançava para a natureza em busca de mais alimentos, água e também em forma de agradecimento. Quase um instinto testificado e registrado nas paredes de cavernas em forma de desenhos ficou conhecido como arte rupestre.

A história nos conta que, desde os primórdios, enquanto início de civilização, até antes do desenvolvimento da fala, o movimento e o gesto eram as formas elementares e primitivas da dança e constituem assim a primeira forma de manifestação de emoções do homem e, consequentemente, de sua exteriorização, caracterizando a forma de expressão e comunicação compreendida por um determinado povo.

Em consonância com essa proposta/ideia, Faro (2004) indicou que os primeiros indícios da dança na pré-história por meio de registros arqueológicos nos permite interpretar a dança como nascida da religião ou, senão, junto a ela. Por esse motivo por muito fora discriminado na sociedade que refletia nas escolas.

Ainda como embasamento proporcionado pela disciplina de história, a escola entendeu que todas as artes, em especial a dança, é fruto da necessidade de expressão e evolução do homem, representando, naquele período histórico, todas as formas de acontecimentos sociais: do casamento ao nascimento; da colheita à caça, festa do sol ou da lua. Dessa forma, nasceu a dança para o homem primitivo.

Como enriquecimento de conteúdo e ilustração por vários séculos, a dança foi exclusivamente uma prática masculina, incluindo as mulheres somente tempos depois ao saírem dos templos e espaços.

Trazendo e situando a realidade brasileira, fora evidenciado no século XVI a agregação de valores econômicos: vindas e advindas dos negros africanos e até mesmo da própria igreja católica, fortalecendo o sincretismo (fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso), por meio de suas conversões.

Dois exemplos clássicos da chamada “Era das trevas” foram a congada, tida como dança de conversão, e o quilombo, tida como dança de ressurreição.

A história testificando as danças regionais brasileiras e suas origens

A história do Brasil é sempre contada em cores, música, danças oriundas de elementos da África, Portugal e outras tradições europeias, que são importantes para a cultura brasileira. Desse modo, é relevante para o aluno saber de onde vêm as danças que estão representando.

a) Samba

Surgiu no Rio de Janeiro, no começo do século XX, uma das danças mais populares, contendo muitos significados diferentes, que o torna significativo para o Brasil e sua cultura.

b) Jongo

Surgiu no Rio de Janeiro, no começo do século XX, outra forma popular de dança diretamente associado à cultura africana no Brasil e foi trazido por Bantus, composto por várias centenas de etnias indígenas espalhadas por toda a África.

c) Carimbó

Surgiu no século XVII, uma dança folclórica do estado do Pará, influenciada por formas africanas e europeias. É também o nome dos tambores que acompanham a dança.

d) Forró

Surgiu em meados da década de 1930, popularizando-se por volta dos anos 1950, é outra dança popular no Brasil e tem origem no Nordeste do país, realizada em duplas e varia do romântico a movimentos rápidos, balanços, saltos e ainda possui algumas semelhanças com a valsa.

e) Frevo

Surgiu no final do século XIX, outra forma popular de dança refere-se à palavra ferver e indica o carnaval e a dança de rua se originou no Nordeste. Tem um ritmo rápido e é muito enérgica.

f) Xaxado

Surgiu na segunda década do século XX, também é uma forma de dança bem conhecida no Brasil e foi criado no estado do Pernambuco; o nome da dança vem do barulho que as sandálias das dançarinas fazem ao bater na areia durante a dança.

g) Baião

Surgiu em meados da década de 1940, o baião é uma forma de música e dança baseada no som e na pulsação da zabumba, um tambor tocado com uma baqueta e uma vareta.

h) Maracatu

Surgiu em meados de XVIII, maracatu é tradicionalmente praticado em Pernambuco e é conhecido como uma dança folclórica nacional. Ele vem de raízes afro-brasileiras e foi introduzido no século XVIII. Os músicos utilizavam instrumentos como alfaias, zabumba e ganzás.

i) Coco

Surgiu na segunda metade do século XVIII, um estilo de dança tradicional nordestino que vem de Pernambuco, Alagoas e Paraíba. O ritmo do coco é o ritmo dos tambores africanos e o som dos cocos quebrando. Tornou-se uma parte importante da cultura quilombola no Brasil.

Dança e história – disciplinas voltadas para o ensino da dança na escola

Começamos com o homem das cavernas dançando em volta do fogo e passamos depois por muitas danças antigas do Egito, da Grécia e da Índia. A viagem continua com nossa visita às danças presentes em grandes castelos medievais até chegarmos, gradualmente, às danças que fizeram parte do nosso tempo atual. [...] (RENGEL; LANGENDONCK, 2006, p. 3-4).

Na relação história e dança, o aparecimento de discursos históricos acerca da trajetória da prática da dança no Brasil surge mais por necessidade e ensejo de registrar uma suposta matriz da dança no Brasil do que por meio de pesquisas que utilizam a história como ofício.

A permanência dessa forma de historiografia sobre dança no Brasil, de caráter historicista e positivista, abriu “brechas” para a emergência de “novos parâmetros”, como, por exemplo, explicar didaticamente a relação que há na dança e história enquanto disciplina que objetivam oferecer uma luz no fim do túnel, já que as recentes propostas de pesquisa em história da dança no Brasil atuam muito aquém de seu enunciado, reforçando antigas formas de legitimação e distinção.

A partir de um corpo docente qualificado, digno do SCMB, os professores encaram os desafios como novos. A proposta é com maestria conscientizar e conscientizar-se de que é possível agregar valores históricos oriundos da disciplina de História a dança. Com isso, ganham os nossos alunos por meio do enriquecimento de conteúdos programáticos propostos.

Corroborando com a história escrita, o homem se utilizava da oralidade para comunicar, divulgar preservando seus conhecimentos, fazendo com que eles pudessem ser semeados aos demais do seu convívio diário e social e dando aos fatos e evidências vistas na história e manifestações certa durabilidade histórica. Dessa forma, o homem de forma involuntária ou não sempre esteve interessado em comunicar e dividir suas experiências e sistematizá-las em uma grafia para compartilhar ao outro, elaborando e enriquecendo as suas e outras histórias.

No Brasil, a história e as práticas de danças parecem ter ficado no esquecimento histórico, por mais que grupos de profissionais das duas áreas se esforcem. Grande parte da história dos eventos de dança ainda precisa ser escrita, a começar pelo SCMB. Não que eles precisem ser narrados para receber seu devido reconhecimento como arte, ou ainda, do reconhecimento de sua existência, mas que possam ser inseridos na memória da dança brasileira e/ou mundial.

Com isso, os professores assumem de forma conjunta um importante papel na manutenção da memória e no desenvolvimento das sociedades humanas por meio da dança e da história. É a partir do que já se tem como conhecimento e de fatos ocorridos que novos conhecimentos vão sendo produzidos, evoluindo continuamente. Essas estratégias de permanência e circulação de informação permitiram que muitas ideias e conhecimentos pudessem ser disseminados para outros colégios e instituições, possibilitando sua interação com vários ambientes de uma localidade, assim como atingindo certos espaços mais globais.

Considerações finais

Neste artigo, a dança moderna e a contemporânea nos falaram sobre povos primitivos, povos milenares, europeus; poderíamos, ainda, ter aberto o leque e ter falado do Renascimento e do Romantismo. No entanto destacamos que, no Brasil, a dança foi associada à colonização branca com a participação dos indígenas e africanos espalhados em todo território nacional.

Que este trabalho — no qual tivemos a oportunidade de somar a outros artigos que alinham

em sugestões à interdisciplinaridade entre história e dança — diminuam caminhos a serem percorridos, minimizando principalmente os vários problemas práticos apresentados para tal desafio.

No que se refere à soma de conteúdos, que vençam todos os professores dedicados, apesar das dificuldades de se deparar com muitos obstáculos, como pouca ou nenhuma vivência prática, formação inadequada, falta de interesse do aluno; ainda assim, podemos observar que há muitas possibilidades de trabalho no SCMB e nas outras escolas.

Essa discussão norteie o compromisso que deve ter o educador da área da dança e história, assumindo uma atitude consciente na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade, buscando na dança uma oportunidade de levar o indivíduo a desenvolver sua capacidade e habilidades, contribuindo de maneira decisiva para a formação de cidadãos críticos, autônomos e conscientes de seus atos, somadas e bem contadas em nossa história.

Por fim, que esse trabalho sirva como uma espécie de incentivo, a uma boa formação continuada, de renovação dos ânimos, formação de ideias e conhecimentos, de modo a motivar o professor para que resulte na melhoria de sua educação profissional e educacional.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARO, Antônio Jose. **Pequena história da dança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 1998.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RENGEL, Lenira P.; LANGENDONCK, Rosana Van. **Pequena viagem pelo mundo da dança**. São Paulo: Moderna, 2006.